

## A REPRESENTAÇÃO/CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE HOMOERÓTICO *DUAS IGUAIS*, DE CÍNTIA MOSCOVICH

Nayara de Oliveira, (UNESPAR/FECILCAM), nayara\_deoliveira@hotmail.com  
Wilma dos Santos Coqueiro (OR), (UNESPAR/FECILCAM), wilmacoqueiro@ibest.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva analisar como se dá a representação/construção do gênero feminino no romance de Cíntia Moscovich, discutindo acerca das convenções sociais estabelecidas para a definição daquilo que fora historicamente compreendido enquanto masculino e/ou feminino, partindo de questões morais ou ainda biológicas e que acabam por serem subjugadas quando estas não são refletidas nas práticas sociais dos indivíduos, como ocorre no romance *Duas Iguais*, visto que temos nas protagonistas, Clara e Ana, figuras de subversão de tais padrões, ao passo em que há entre elas uma relação homoafetiva. Para tal análise lançar-se-á mão das contribuições de teóricos como Joan Scott (1986) e Judith Butler (2010), que discutem a complexidade das questões de gênero e Sandro Adriano da Silva (2012), que se debruça sobre os estudos da chamada *literatura queer*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Literatura Contemporânea; Gênero feminino; Relações homoafetivas.*

### INTRODUÇÃO

Compreender na atualidade o conceito de feminino e/ou masculino exige de qualquer pesquisador um retrospecto do que tem sido discutido, principalmente após o surgimento de frentes defensoras dos direitos das chamadas “minorias”, como o movimento feminista e o movimento LGBT, que tentam ao máximo fugir do pragmatismo androcêntrico que impregna as definições dos papéis sociais que homens e mulheres estão fadados a executar, posto que, segundo a compreensão binária de sexo e gênero, homens são naturalmente diferentes, cabendo ainda neste conceito uma hierarquia que impõe à mulher um papel inferior ao do homem.

A compreensão binária ainda exclui qualquer outra manifestação humana que fuja a tais padrões, ignorando que possam existir sujeitos que, em suas práticas sociais, não reflitam tal concepção de masculino/feminino.

Porém, o que percebemos cada vez mais é a subversão de tais definições, pois, como bem afirmou a antropóloga Joan Wallach Scott (1986, p. 71), ‘Os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas significam, têm uma história’ e esta história, que a estudiosa nos aponta, é dinâmica assim como os homens e mulheres que a constituem, não cabendo em definições simplistas pautadas apenas em valores morais ou segregações biológicas.

Judith Butler (2010), com base nos avanços da discussão feminista, que fez uma diferenciação entre sexo e gênero, ao passo em que para tal segmento enquanto o sexo é *natural* o gênero é *construído*, propõe um avanço em tal raciocínio, acrescentando mais um elemento para que se possa buscar a compreensão do possa vir a ser tanto sexo quanto gênero: o desejo.

Para a autora, a compreensão do que é sexo/gênero deve perpassar antes pelas reflexões acerca do desejo dos sujeitos, visto que a distinção feita pelas feministas apresenta uma dicotomia excludente, colocando homens e mulheres como naturalmente rivais. Em concordância com a afirmação de

Simone de Beauvoir (1949) que diz ‘ninguém nasce mulher: torna-se mulher’, Butler buscou o entendimento sobre tal fenômeno ocorre, compreendendo ainda que o sujeito em jogo não precisa necessariamente ser fêmea para tornar-se mulher.

Neste ponto, Butler indaga a compreensão distintiva criada pelas feministas sobre as demais práticas sociais que não cabem na divisão binária, afirmando que o enfoque do feminismo ‘tende a reforçar exatamente a estrutura binária heterossexista que cinzela os gêneros em masculino e feminino’ e que ‘impede uma descrição adequada dos tipos de convergência subversiva e imitativa que caracterizam as culturas gay e lésbica’ (2003, p. 102).

Ao colocar em jogo questões como o desejo e práticas sociais que subvertem o binarismo de gênero, como é o caso da homossexualidade, Butler abre espaço para a reflexão acerca da arbitrariedade das definições sobre o que é gênero no campo das ciências humanas.

Deste modo, o presente trabalho pretende compreender de que forma ocorre a representação/construção da identidade feminina das protagonistas Clara e Ana do romance contemporâneo *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich, refletindo sobre a situação de um relacionamento homoafetivo em meio a uma sociedade permeada de preconceitos.

### **LITERATURA QUEER COMO MANIFESTAÇÃO DAS VOZES SILENCIADAS**

O romance *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich, encerra-se com os seguintes dizeres acerca do amor: ‘o amor exige expressão. Ele não pode permanecer quieto, não pode permanecer calado, ser bom e modesto; não pode, jamais, ser visto sem ser ouvido. O amor deve ecoar em bocas de prece, deve ser a nota mais alta, aquela que estilhaça o cristal e que entorna todos os líquidos.’ (2004, p.252).

Tal máxima exclamada pela voz da narradora Clara abrange o significado da literatura *queer* para os estudos literários: dar voz a todos os amores que porventura sejam silenciados pelos preconceitos presentes na sociedade, sendo válido que minorias como o segmento LGBT tenham também na literatura seu espaço assegurado, não cabendo mais que os outros contem por estas suas histórias.

A *Literatura Queer*, assim como a tantas outras literaturas de minorias, surge, no âmbito dos estudos literários, abrindo caminhos para as manifestações culturais dos grupos que foram historicamente subjugados pelo cânone, ao passo em que tais movimentos sempre foram vistos enquanto uma literatura *menor*.

Porém, com os avanços nas discussões e, principalmente, com o *boom* da produção literária de tais segmentos no século XX, permite-nos, na atualidade, olhar para a compreensão do valor de tais obras, tanto pelo valor estético, quanto pela subversão das ideologias até então vigentes em relação ao próprio conceito de literatura. ‘A Literatura está ancorada no poder das palavras de trazer à cena a essência das coisas. Este poder lhe permite encontrar o singular no mais universal’. Esta afirmação de Elódia Xavier (1998, p.10) sintetiza bem a função da literatura enquanto manifestação cultural que

engloba todos os segmentos, não cabendo juízos de valor pautados nas visões de um grupo elitista, como aquele que perdurou durante décadas designando o que seria o cânone literário.

Jackson e Scott (1996) afirmam que a teoria queer é

um desenvolvimento da crítica do gênero e, mais especificamente, da crítica lésbica e gay. Abrange várias posições políticas, opondo-se a discursos e práticas heterossexuais e ao período inicial das políticas de identidade lésbica e gay que incentivavam os indivíduos a assumir sua orientação sexual. (1996, p. 167 *apud* BONNICI, 2007, p. 224).

Assim, mais que uma representação cultural, antes de tudo, a *literatura queer* vem colaborar com as manifestações dos próprios sujeitos que se inserem no contexto *gay*, fazendo com que estes externalizem a compreensão de si mesmos sem resvalar em conceituações sobre a orientação sexual que possuem e que partam da visão do *outro*, tornando-se assim uma manifestação legítima de tais indivíduos.

Sandro Adriano da Silva (2009), buscando sistematizar de que modo o termo *queer* vem sendo compreendido nos campos dos estudos das ciências humanas, propõe a extrapolação das visões heterossexistas, dando margem à discussão acerca dos fenômenos sociais e/ou práticas dos sujeitos que subvertem o binarismo de gênero, dialogando com diversas áreas do conhecimento, como a psicologia, antropologia, filosofia e a história, verificando então de que forma cada segmento permite a ampliação da noção que se tem sobre a cultura gay e os sujeitos que a compõem.

Se, historicamente, os sujeitos foram subjugados, por não corresponderem aos ilusórios papéis sociais destinados aos “homens e mulheres” que advém de conceitualizações moralistas ou de cunho biológico, com o advento do termo *queer* na contemporaneidade, passa-se a reinscrever tais indivíduos na sociedade, considerando agora suas práticas como legítimas, tendo em vista a falácia em que tais divisões acabam por precipitar-se. Segundo o estudioso,

Se o conceito de *gay* e o projeto político e cultural que ele expressa – com ênfase na primazia do sujeito, na integração social e na confiança na razão – ainda se inscrevem com clareza no âmbito da modernidade, o conceito de *queer*, ao questionar aqueles pressupostos, revela-se em sua inequívoca pós-modernidade. (SILVA, 2009, p.12)

Tal pensamento situa o conceito *queer* como uma manifestação do mundo pós-moderno, abolindo as conotações pejorativas ou insuficientes que o pensamento arcaico, porém recente (visto que o conceito *queer* surgiu há pouco mais de duas décadas, o que significa pouco tempo tendo em vista o lento movimento que conduz a história da humanidade) designou como o padrão a ser seguido.

Ainda que recente, o termo *queer* provavelmente sofrerá transformações, bem como o próprio conceito de gênero poderá ser modificado, pois ambos estão intrinsecamente ligados ao campo das

ideias e estas, como próprias da condição humana, serão transformadas à medida que os próprios indivíduos que as concebem também se transformaram.

Sobre tal fenômeno, Zygmunt Bauman (2005) explica que ‘A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é”’, tal crise diz da não correspondência de alguns grupos sociais em relação aos padrões sexuais vigentes a partir da perspectiva heterossexista, como é o caso da cultura queer, ou ainda os *crossdressers*, termo que designa homens que se travestem com roupas e acessórios ditos femininos, porém não são homossexuais, o que exemplifica quão limitada é a definição tradicional de gênero frente a tais práticas. Ainda em relação à ideia de identidade, Bauman (2005) diz tal conceito também nasceu do esforço para “erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (p.26). Deste modo, considerando as ideias como representações das ideologias presentes nos grupos em que os indivíduos estão inseridos, presume-se que a realidade situada em um dado tempo histórico deverá refletir as ideias vigentes neste tempo e que o movimento de transformação das mesmas sempre ocorrerá.

Da mesma forma que outrora a literatura homoerótica já foi vista como uma literatura menor, hoje, cada vez mais, temos estudiosos que se debruçam sobre tal campo, a fim de verificar sua relevância enquanto manifestação de uma classe que já não pode ser ignorada.

## **O SISTEMA PATRIARCAL E A DEFINIÇÃO DOS PAPÉIS SOCIAIS EM *DUAS IGUAIS***

O drama vivenciado pelas adolescentes, Clara e Ana, no romance contemporâneo *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich, tem como pano de fundo a cidade de Porto Alegre em fins da ditadura militar, momento na história do nosso país que revela uma atmosfera totalmente hostil e repressiva, limitando o direito de liberdade dos sujeitos. Como outro elemento dificultador para o romance de nossas protagonistas, temos a estrutura familiar de Clara, que pertence a um lar judaico, ou seja, dotado de rigorosos padrões morais, sendo que homens e mulheres possuem papéis sociais bem determinados e rígidos, segundo tal doutrina religiosa.

Assim como em tantos outros segmentos religiosos, a cultura judaica apresenta um sistema patriarcal, que foca na figura paterna/masculina o centro da estrutura familiar.

A figura do pai de Clara é fundamental para suas ações, ao passo em que sua relação com o mesmo é bem mais estreita do que a com sua mãe. Por se tratar de uma narrativa de memórias, em vários momentos, a narradora Clara faz menções saudosas à figura de seu pai, declarando que “adorava os comentários com cheiro de café. Adorava meus pais e as considerações que, ao contrário do que pensava minha mãe, eram poucas, sempre poucas e razoáveis” (MOSCOVICH, 2004, p.21), que assim é apresentado ao leitor como aquele que solucionaria todas as dúvidas, todos os problemas, pois, segundo as palavras de Clara, esta soube mais tarde que “o pai resolvia o mundo” (MOSCOVICH, 2004, p.21).

A forte relação entre pai e filha revela-se frágil ao passo em que a desconfiança acerca do relacionamento entre as adolescentes vai se apresentando cada vez mais evidente, o que leva seu pai a separá-las na escola, solicitando a direção da escola que as meninas ficassem em turmas separadas.

Um contexto familiar patriarcal demonstra-se intolerante a todo e qualquer comportamento que possa comprometer sua perpetuação, visto que a tradição está acima de qualquer desejo dos sujeitos. Assim, para que Clara conseguisse viver plenamente seu relacionamento com Ana, seria necessário uma ruptura com a tradição familiar que lhe fora passada.

Compreendendo o movimento histórico enquanto o movimento dos sujeitos, Gerd Bornheim (1987) associa o conceito de tradição intrinsecamente ao de ruptura, afirmando que “tradição e ruptura se espelham reciprocamente, e a dialética dos dois termos esclarece a quantas andamos nessa grande esquina que é a história do nosso tempo” (p. 29). O tempo a que se refere o estudioso nada mais é que o de sujeitos situados em determinado momento histórico que, por meio de uma nova prática, vem contrariar a tradição, compreendendo o dinamismo e as inevitáveis transformações que ocorrem na sociedade que os próprios sujeitos ocasionam em sua(s) história(s).

O papel da mulher na cultura judaica está totalmente relacionado à figura de seu marido, como ocorre em *Dois Iguais*, visto que, após alcançar estabilidade financeira, o próximo intuito do homem seria encontrar uma esposa e com ela constituir uma família, no mais rigoroso padrão judaico, o que lhe concederia filhos que teriam obrigatoriamente que dar sequência à tradição. Assim, segundo os planos do patriarca da família, seria fundamental que um filho homem nascesse para dar continuidade aos negócios familiares, no caso uma construtora, porém, ao invés de um filho, o destino concede-lhe primeiro uma menina, o que fê-lo mudar seus planos, mas não seus intuítos, pois o pai de Clara “decretou que a primogênita iria sucedê-lo na construtora. Melhor: casando-se a menina Clara, podia destinar ao genro uma participação na empresa” (MOSCOVICH, 2004, p.105).

Considerando como uma das principais marcas da tradição judaica o *guisheft*, que consiste em um pequeno comércio que tem como finalidade principal garantir a segurança econômica familiar através das gerações, o desejo do pai de Clara em casá-la, para que seu futuro genro assumira os negócios da família, demonstra a preocupação com a manutenção de tal estrutura, ignorando que a jovem possa ter seus próprios planos.

No momento em que Clara revela seus desejos de seguir a carreira de jornalista, a princípio, seu pai demonstra-se contrário a tal desejo, pois como outrora declarado, seu destino já estaria traçado, acrescido a este fato a noção que, em tempos de ditadura militar, a carreira jornalística era demasiadamente inapropriada para uma mulher, devido ao caráter subversivo, contrário aos preceitos do regime militar que, embora o pai de Clara não fosse totalmente favorável, o considerava como um “mal necessário”.

Após a morte de seu pai e a separação de Ana, Clara fica evidentemente abalada, pois as duas figuras que perdera compreendiam uma estranha combinação uma vez que, para a narradora, “Ana era

sábua porque tinha as perguntas” (MOSCOVICH, 2004, p.15) e seu pai seria sábio porque tinha as respostas, respostas estas que Clara não sabe mais onde procurar após sua morte.

A morte do pai de Clara também reflete numa desconstrução da figura de sua mãe que, frente à ausência do marido, demonstra toda sua fragilidade

E como ela se tornara, da noite para o dia, aquela coisa tão patética, tão quebradiça, tão distante do ser potente que havia sido, tão diferente de uma esposa, de uma mãe, de uma mulher jovem? Envelhecera naquelas semanas; a pele se vincava nos cantos da boca, a provação marcando um sulco fundo na testa, junto à ponta do nariz. (p. 67)

Essa desconstrução da figura materna detona a dependência entre os pares marido e mulher, visto que, na ausência do primeiro, o segundo não consegue manter-se erguido, como se o pilar fundamental lhe faltasse. Como resolução de tal problema, a mãe de Clara acaba por se casar novamente, desta vez com o irmão de seu falecido esposo, que passa a ocupar o “lugar” do patriarca.

A angústia resultante da ausência destas duas figuras para a vida de Clara fica evidente no momento em que Vitor pede sua mão em casamento, visto que, neste momento, faltaram-lhe as palavras, mas a narradora revela por meio de seus pensamentos quão diferente seria caso seu pai ainda estivesse ao seu lado, questionando para suas memórias ‘Por quê, pai, depois de tua morte, perguntas e respostas não mais encontraram correspondência?’ (MOSCOVICH, 2004, p.130).

Frente ao pedido inesperado de Vitor e sem poder contar com as respostas de seu pai, Clara decide por fazer a si mesma noiva, tomando das mãos de Vitor o anel que este lhe trouxera, numa atitude bastante inusitada para tal situação, porém que não a torna menos submissa ao destino que outrora seu pai havia planejado e que agora estava prestes a se concretizar.

Embora o contexto familiar de Ana não apresente dogmas tão rígidos iguais aos de Clara, ao passo em que seus pais são apontados como aliados de comunistas, o que em tempos de ditadura demonstra um posicionamento fora dos padrões vigentes, acabam por revelar que também não são favoráveis ao envolvimento das duas.

Consumada a separação das protagonistas, cada uma teve um destino diferente: Clara torna-se jornalista, mas acaba casando-se com Vitor, enquanto Ana se auto-exila em Paris.

Embora haja a predominância da narrativa em primeira pessoa, encontramos momentos em que o foco narrativo oscila também para a segunda pessoa, quando o narratário passa a ser ora Ana, ora seu próprio pai. No entanto, as cenas referentes ao casamento de Clara e Vitor são narradas em terceira pessoa, o que exprime um distanciamento de Clara frente à situação: neste momento ela vira uma mera expectadora de sua própria vida, não tendo mais domínio sobre seu destino. Observando o trecho a seguir, fica claro tal distanciamento:

Finalmente, os acordes da marcha nupcial trovejaram pela sinagoga. Clara ergueu o queixo, arrumou o buquê entre as mãos. Deu um passo, o primeiro. Os convidados

levantaram-se, provocando um pequeno tumulto. Vitor a esperava junto ao pátio coberto de flores; esperava com a satisfação de quem espera aquela que ser a sua esposa. (MOSCOVICH, 2004, p. 124)

Deste modo, o sistema patriarcal, mesmo que modificado, apresenta-se como base familiar para a protagonista Clara que, embora contrariada, acaba por reproduzi-lo frente à não aceitação de seu relacionamento com Ana por parte do seu meio social.

## **A REPRESENTAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *DUAS IGUAIS* DE CINTIA MOSCOVICH**

No romance homoerótico *Duas Iguais*, a escritora Cíntia Moscovich apresenta-nos o drama vivenciado por Clara que, ainda adolescente, apaixona-se por sua melhor amiga, Ana, mas, devido às pressões da sociedade, o casal acaba por se separar, se reencontrando anos mais tarde, porém em uma situação nada confortável: Clara está casada e Ana está com sérios problemas de saúde. Neste momento do romance, Clara, nossa narradora, decide por ficar ao lado de seu grande amor nos instantes finais de sua vida.

Ao longo do romance, percebemos que Moscovich busca fugir dos estereótipos na composição de suas personagens enquanto homossexuais, buscando retratar a descoberta da sexualidade de uma forma sutil, que não resvale nas concepções do senso comum acerca da relação entre sexo e práticas sociais.

O conflito acerca da busca por definições que pudessem designar a nova descoberta revela-se ainda mais perturbador quando Clara e Ana não conseguem se encaixar naquilo que o senso comum prevê sobre uma relação homoafetiva. ‘Duas meninas lésbicas, era sempre o que concluíamos quando tentávamos descobrir o que nos acontecia’ (MOSCOVICH, 2004, p.41). Tal insatisfação retratada pelas memórias de Clara refletem bem o que Butler (2009, p.37) nos diz acerca da complexidade que o termo gênero implica, visto que este “é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, *jamais* plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”.

Temos no romance uma história de amor que envolve duas adolescentes oriundas de contextos sociais diferentes, o que reflete diretamente em suas personalidades: enquanto Clara está inserida em uma família que tem nas tradições judaicas suas raízes, Ana, além de não ser judia como os demais colegas da escola, tinha como um agravante a suspeita de seus pais serem ligados a movimentos políticos clandestinos (leia-se comunistas). Mas, pouco a pouco, Ana conseguiu se infiltrar no grupo, sempre chamando atenção para suas particularidades, visto a diferença cultural que os dividia, mas, ao mesmo tempo, os unia. Nas palavras da narradora, fica evidente a distinta personalidade de Ana:

Talvez nós também nos houvéssemos apropriado de alguma coisa de Aninha, tentando ser parecidos com ela. Era uma das raras meninas que não tinham horário para voltar para casa e conhecia todas as rotas de todos os ônibus da cidade. Além

disso tinha um senso de humor que, pensando melhor, era absolutamente precoce para a idade. (MOSCOVICH, 2004, p. 25)

Com o estreitamento da relação entre Clara e Ana, que passam a ser a “melhor amiga uma da outra”, ambas começam a trabalhar no jornal da escola, fazendo com que Clara passe mais tempo com Ana que com sua família, o que causa profundo aborrecimento a seu pai, que já dão pistas de não serem favoráveis a intimidade que surge entre as adolescentes. Tendo em vista que Moscovich situa seu romance nos anos finais da ditadura militar e como o ofício jornalístico era tomado como um caráter subversivo, pois tal categoria se opunha, por não raras vezes, ao regime militar, Clara e Ana temiam com a possibilidade de serem perseguidas, assim juraram proteger uma a outra e tal juramento já nos revela que a relação entre ambas vai além da amizade:

Combinamos que, se nos julgassem subversivas por causa do jornal e se prendessem uma de nós, a que ficasse em liberdade teria de mobilizar todo o colégio. Não sei por que motivo, mas sempre que falávamos disso, eu imaginava minha amiga num cavalo branco, vindo para me salvar. (MOSCOVICH, 2004, p. 31)

A imagem que Clara projeta sobre Ana vindo em um cavalo branco para salvá-la remete-nos a ideia do herói em termos clássicos, presente até mesmo em contos de fada, o que poderia configurar uma projeção do masculino sobre Ana, contudo, em seus hábitos, a adolescente possui afazeres tipicamente femininos como costurar, bordar, fazer crochê. Os trajes utilizados por Ana também vão ao encontro dos tradicionalmente delegados à figura feminina, o que põe em questão se o estereótipo da masculinidade deve recair sobre o feminino devido a sua conduta homossexual.

Clara continua seu questionamento refutando a ideia de enquadrar-se enquanto a definição de adolescente lésbica: ‘era a isso que estávamos reduzidas e nós não cabíamos em tão maldita redução’ (p. 41). Assim, a própria Clara entende o termo *lésbica* como sendo deveras reducionista, limitando a grandiosidade que os últimos acontecimentos representavam na vida das adolescentes.

Por se tratar de sua primeira experiência sexual, Clara reluta em ter que se encaixar na definição de uma garota homossexual, ainda mais quando seu pai, mesmo não comentando o assunto, mostra-se contrário ao relacionamento e o silêncio estabelecido faz com que nossa narradora sofra ainda mais:

A cada dia, meu suplício aumentava. Olhava meu pai atrás dos jornais. Por quê, pai? Por que éramos a exceção? Por que eu era duplamente a exceção? Não era isso a desgraça, meu pai? Lésbica. Me olhava no espelho e não enxergava a lésbica ali. Eu queria Aninha, eu não queria nenhuma outra mulher, me desesperava. (MOSCOVICH, 2004, p.47)

O desejo, termo que Butler situa centralmente na discussão acerca da identidade do gênero, sugere a priori para Clara que aquilo que ela está vivenciando não a determina enquanto uma lésbica, pois ela desejava apenas uma única mulher – Ana – assim em seu pensamento adolescente aquilo se tratava de uma exceção, porém, com o desenrolar da trama, presenciamos o envolvimento de Clara



com uma nova mulher, Natália, o qual, apesar de não se concretizar, acaba por revelar que a orientação sexual de nossa personagem reside sim naquilo que consideramos homossexualidade.

Embora tenhamos ao longo da narrativa diversas situações de embate, conflitos existenciais e a necessidade de respostas frente aos questionamentos que vão surgindo conforme a descoberta sexual que se revela de um modo cada vez mais pungente, percebemos que a constituição do feminino em Clara revela uma dualidade entre seus desejos pessoais e a fraqueza frente àquilo que esperam dela.

A definição de papéis para o masculino e feminino, segundo a errônea compreensão binária, hierarquiza as relações entre os pares, como é refletido no questionamento que Beatriz Levi, colega de escola de Clara e Ana, quando interroga acerca de quem era o “homem da relação” (MOSCOVICH, 2004, p. 45).

Tal enunciado provoca grande mal-estar entre as meninas, pois segundo o entendimento de ambas não havia tal distinção entre quem seria o “homem” ou a “mulher” do casal, visto o preconceito previsto em tal compreensão e que retoma a visão binária sobre sexo e gênero.

Ao passo que o casal se separa e Clara casa-se com Vitor, forçando-se a uma relação heterossexual, questiona-se até que ponto tal fuga pode refutar o comportamento de outrora, entretanto percebemos uma projeção do feminino sobre a figura de Vitor quando Clara o descreve:

Tudo nele participava de uma natureza jovial e branda, que se dava a conhecer pela voz cheia, mesmo abaritonada, pela gesticulação parcimoniosa e pelos olhos de cor funda e sincera. Por vezes, figurava-me que ele fora educado no exercício de domar as manifestações da fala e do corpo; apenas os cabelos ruivos de cobre, resistiam à disciplina, caindo em mechas que ameaçavam a visão dos fios claros das sobranceiras. Um ágil sentido de humor completava essa figura de beleza quase feminina, revivendo em mim sentimentos prazenteiros que eu julgava já extintos. (MOSCOVICH, 2004, p. 128)

Assim, a projeção do desejo pelo feminino está presente no sentimento que Clara possui por seu marido, visto a lembrança do ser amado que ficara no passado. Até mesmo o humor de Ana, admirado por Clara, está presente em Vitor, possibilitando concluir que, mesmo tendo se casado com ele, seus sentimentos por sua amiga ainda não haviam desaparecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após séculos sendo posta à margem do universo literário, finalmente a literatura homoerótica já não pode mais ser ignorada, tendo em vista seu valor estético e de representatividade de um segmento da sociedade que, cada vez mais, procura ocupar espaços.

A teoria *queer* chega até os estudiosos enquanto uma proposição de estudo dos fenômenos/práticas sociais dos sujeitos que fogem à normativa heterossexista, abrindo caminhos para que as ciências humanas, de uma forma geral, sistematize as questões homoafetivas enquanto passíveis ou, além, necessárias de serem estudadas enquanto balisadoras da relação com o mundo que os sujeitos que a compõem estabelecem.

Não há como discutir identidade(s) partindo de visões pré-estabelecidas, pois estas por vezes reduzem as definições de gênero a partir da visão moralista ou de cunho biológico, ignorando que os sujeitos podem subverter tão visão, refletindo, em suas práticas, uma forma diferente de compreender o mundo ou, ainda, senti-lo. Sendo os sujeitos seres, ao mesmo tempo, plurais e individuais, é necessário buscar compreendê-los numa totalidade que jogue com a gama de possibilidades oriundas da diversidade cultural que o mundo pós-moderno oferece.

Quando Joan Scott indicou a categoria de gênero enquanto “útil de análise história”, a estudiosa propôs que toda e qualquer abordagem que busque definições sobre o que vem a ser o feminino ou masculino devem antes considerar a tênue linha que separa e, ao mesmo tempo, os une: as particularidades, que cada prática compreende, vão além dos dogmas segregatórios aos quais uma visão sexista insistem em lhe atribuir.

Desde modo, compreender o que é masculino e feminino, nos dias de hoje, pede de todo estudioso um olhar para além da superfície e este olhar jamais poderá sequer resvalar nos preconceitos de outrora, visto a fragilidade que os padrões vigentes na tradição apresentam quando defrontam com este mundo que, cada vez mais, se revela heterogêneo e plural.

O romance de Cintia Moscovich retrata bem tal dificuldade, ou seja, a de se encaixar nos padrões tradicionais um amor que não necessita de “nomes”, mas sim de “expressão”, mostrando que para aqueles que se dispõem a vivê-lo, antes de buscar definições para o que é certo ou errado, deverão senti-lo, fazendo-o ecoar pelas bocas de prece chegando a todos os ouvidos.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Vera Lúcia Ramos. **Tradição e ruptura em autores brasileiros contemporâneos**. Cadernos de Letras da UFF. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo17.pdf>, acesso em: 18 jun. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: II a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BONNICI, T. **O pós-modernismo**. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2007, p. 253.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **Areia marmórea, areia memória**. Revista USP, São Paulo, n.62, p. 274-279, junho/agosto 2004.

MOSCOVICH, Cíntia. **Duas Iguais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20 n°. 2, jul./dez. 1995,( pp.71-99)

SILVA, Sandro Adriano da. **Teoria Queer: anatomia de um conceito**. Miscelânea, São Paulo, 2009.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá: Edecem, 1999.